

REPRESENTAÇÕES DA IDADE MÉDIA NO LIVRO DIDÁTICO: ESTRATÉGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM PARA UMA DESCOLONIZAÇÃO DO MEDIEVO

REPRESENTATIONS OF THE MIDDLE AGE IN THE DIDACTIC BOOK: TEACHING-LEARNING STRATEGIES FOR A MEDIEVAL DECOLONIZATION

Márcio Rios Lima Silva¹

Universidade Federal da Bahia

Resumo: Este artigo busca abordar criticamente algumas formas como a Idade Média é representada no livro didático *História e Reflexão*, de Gilberto Cotrim (1996), voltado para os estudantes da 6ª série, no intuito de analisar de que forma este tipo de suporte cultural pode auxiliar no ensino escolar de História. Para cumprir com tal *mister*, esta pesquisa valeu-se de uma abordagem qualitativa associada ao método histórico. Os achados indicam que embora a referida obra, por vezes, apresente uma Idade Média dissonante da historiografia especializada, ainda assim seria capaz de viabilizar ao professor eficientes estratégias

Abstract: This article seeks to critically address some of the ways in which the Middle Ages is represented in the textbook *História e Reflexão*, by Gilberto Cotrim (1996), aimed at 6th grade students, in order to analyze how this type of cultural support can help in the school teaching of history. To fulfill this task, this research used a qualitative approach associated with the historical method. The results show that although the aforementioned work sometimes presents a Middle Ages dissonant from specialized historiography, it would still be capable of providing the teacher with efficient didactic-pedagogical strategies for the decolonization of

¹ Mestre em Segurança Pública, Justiça e Cidadania/UFBA. Pós-graduado e Bacharel em Segurança Pública/UNEB. Pós-graduado em Ciências Penais/JusPODIVM e Bacharel em Direito/Faculdade Ruy Barbosa. Gestor de Projetos, Programas e Portfólio/FGV. Graduação em História/UFBA (em andamento).

didático-pedagógicas para a school education in the Middle
descolonização do ensino escolar Ages.
da Idade Média.

Palavras-chave: Descolonização; **Keywords:** Decolonization; School
Ensino escolar; Idade Média. Education; Middle Ages.

Introdução

Este artigo tem como principal objetivo analisar de que forma o livro didático é capaz de auxiliar no ensino escolar de História, contribuindo na produção de um discurso “localizado nas relações complementares, muitas vezes dinâmicas e múltiplas, mas às vezes também tensas entre a pesquisa e à docência”.² Nesse sentido, esta pesquisa busca abordar criticamente algumas formas como a Idade Média é representada no livro didático *História e Reflexão*,³ de Gilberto Cotrim, voltado para os estudantes da 6ª série.

Para tanto, invocaremos obras de autores trabalhados na disciplina História Medieval I, da Universidade Federal da Bahia, ministrada pelo Professor Dr. Marcelo Pereira Lima e cursada por este autor no semestre 2022.1. Esse arcabouço literário e a própria experiência deste discente nas referidas aulas orientaram para a formulação da seguinte hipótese: embora o suporte cultural trazido à baila, por vezes, apresente uma Idade Média dissonante da apresentada pela historiografia especializada, ainda assim a referida obra seria capaz de viabilizar eficientes estratégias didático-pedagógicas, já que oferece ao docente de História múltiplas possibilidades de análise e explicação, aptas ao auxílio da problematização de diferentes temporalidades.

Do ponto de vista metodológico, o trabalho se caracteriza basicamente por uma abordagem qualitativa associada ao método histórico, sobretudo em razão da sua capacidade de evidenciar um determinado fenômeno a partir do seu contexto.⁴ Entendemos, portanto, que o método histórico possibilitaria a análise de um suporte cultural e complexo como o livro didático, notadamente sob a verve de mudanças

² LIMA, Marcelo Pereira. Representações da península Ibérica Medieval nos livros didáticos: os (des)compassos entre a escola e a academia? **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, 2012, pp. 165-166.

³ COTRIM, Gilberto. **História e Reflexão**, 6ª série. São Paulo: Saraiva, 1996.

⁴ SAUERBRONN, F. F.; FARIA, A. A utilização do método histórico em pesquisa acadêmica de marketing. **Estratégia e Negócios**, v.2, n.2, 2009.

advindas das conjunturas política, social e econômica, todas bem assinaladas pelo Professor Marcelo Lima⁵:

Sem dúvida, a política federal de universalização do livro didático tem um papel importante nesse processo, juntamente com a atuação das editoras. Neste último caso, o processo de atualização dos livros didáticos foi facilitado pelo próprio desenvolvimento do mercado editorial (o livro didático se tornou uma espécie filão bastante lucrativo e disputado pelas editoras estrangeiras e brasileiras) [...] Ou seja, em grande medida, há mais de uma década, o mercado do livro didático dedicado ao medievo tem sofrido um aquecimento com revisões de textos clássicos e atualizações resultantes de novas abordagens teóricas e metodológicas.

Contextualizados os elementos do desenho da pesquisa, cabe dizer que o texto se estrutura em duas seções, além desta introdução e considerações finais.

Na primeira, de natureza empírica, busca-se identificar alguns descompassos entre a historiografia especializada e o livro didático *História e Reflexão*, de Gilberto Cotrim, elaborado para os estudantes da 6ª série do ensino fundamental.

A segunda seção, de cunho teórico, apresenta algumas estratégias didático-pedagógicas que, evocadas do Professor Rivair Macedo,⁶ se mostrariam aptas a fomentar uma descolonização do ensino escolar da Idade Média. Acreditamos que o uso de tal categoria pode ser muito útil em uma ciência com vocação empírica como é a História. A ideia seria atenuar a herança disciplinar legada pela própria formação do campo historiográfico que fez com que os historiadores não operassem com conceitos com a mesma desenvoltura de outros estudiosos da sociedade, como os sociólogos, antropólogos e os filósofos. Sob essa verve teórica, pretende-se assim iluminar o material empírico analisado na primeira seção, pois é sabido que a relação entre qualquer pesquisador e o empírico nunca é direta, mas sempre mediada por conceitos, pois são estes que conduzem o percurso do historiador por meio da empiria, ajudando-o na interpretação do fenômeno abordado.

Após suscitar algumas estratégias de ensino-aprendizagem para superação das desarmonias retrocitadas, verificamos nas considerações finais o falseamento ou não da hipótese levantada, sugerindo lacunas e possíveis desdobramentos para o presente trabalho.

⁵ LIMA, Marcelo Pereira. *Op. cit.* pp. 190 e 191.

⁶ MACEDO, José Rivair. Repensando o ensino de Idade Média no Ensino de História. In: KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2004.

Representações gerais da Idade Média no livro didático *História e Reflexão* (1996)

Sabemos que muitas vezes o livro didático é praticamente o único material empregado pelo professor nas aulas dos ensinos fundamental e médio. Segundo Marcelo Lima, isso se dá em razão das “especificidades da formação docente e a elevada carga horária dos(as) professores(as) na rede de ensino em muitas regiões brasileiras”.⁷

Com efeito, impende verificarmos como o medieval tem sido apresentado por meio desse suporte cultural, e como sua abundante utilização contribui para a criação de imaginários coletivos sobre esse período da história europeia de cerca de 1 milênio, ainda que suas balizas cronológicas sejam discutíveis, como sinalizado por Hilário Franco Junior.⁸ E essa referência ganha amplitude com Marcelo Cândido da Silva⁹ quando declara ser a Idade Média:

(...) uma convenção cronológica construída posteriormente ao período medieval (...) que, assim como a antiguidade, a era moderna ou a época contemporânea, serve para classificar, ordenar e, sobretudo, tornar inteligível a história da Europa.

Marcelo Cândido salienta que além de ferramenta metodológica de classificação e de ordenamento do tempo, o medieval é resultado das visões dos seus autores a respeito das sociedades que viveram naquele período. Conforme o medievalista, “entender as diversas noções de Idade Média nos permite conhecer mais as sociedades que as elaboraram que as sociedades sobre as quais essas noções se projetam”.¹⁰

De acordo com Jérôme Baschet, o conceito de Idade Média padece de positividade semântica, visto que denota uma “idade do meio (...) um longo parêntese entre uma antiguidade prestigiosa e uma época nova, enfim, moderna”.¹¹ Para o autor, trata-se de uma construção historiográfica que visa valorizar o presente através de uma ruptura com o passado próximo.¹² Nessa esteira, Hilário Franco Junior acrescenta:

⁷ LIMA, Marcelo Pereira. *Op. cit.* p. 169.

⁸ FRANCO JR, Hilário. **A Idade Média. O Nascimento do Ocidente**. SP: Brasiliense, 2001, p. 14.

⁹ SILVA, Marcelo Cândido da. **História Medieval**. São Paulo: Contexto, 2019, pp. 142 e 143.

¹⁰ *Ibidem*, p. 155.

¹¹ BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal: do ano 1000 à colonização da América**. São Paulo: Globo, 2006. p. 25.

¹² *Ibidem*.

Na célebre formulação de Lucien Febvre, feita em 1942 no seu *Le problème de l'incroyance au XVI siècle. La religion de Rabelais*, 'a História é filha de seu tempo', por isso cada época tem 'sua Grécia, sua Idade Média e seu Renascimento'.¹³

Essa construção historiográfica sobre o medievo acaba pautando o imaginário coletivo a partir do consumo de outros suportes culturais, sobretudo os midiáticos, a exemplo da televisão, gibis, animes, games e cinema. No âmbito deste último, os estudos de Ademir Luiz da Silva¹⁴ e Edlene Oliveira Silva¹⁵ são bastante emblemáticos.

Ao alargar tanto o conceito de documento histórico quanto a concepção de temas e objetos de pesquisa histórica, Ademir Silva analisa o impacto que a saga *Star Wars*, do diretor George Lucas, causou no imaginário coletivo tradicionalmente relacionado à Idade Média. A pesquisa aponta a presença no enredo de duas interpretações tradicionais sobre a Idade Média: uma de caráter pessimista, de influência renascentista, que a enxerga como um período de trevas, fome, ignorância e superstição; e uma segunda de dimensão nostálgica, influência do romantismo do século XIX, que a interpreta como um grande momento da história, repleto de magia e ética cavaleiresca. Para chegar a tal constatação, o autor aciona a categoria de "medievalidade", que, em apertada síntese, será aqui definida como uma prática discursiva histórica, porém descomprometida com a historiografia acadêmica, posto que apresenta leituras e apropriações extemporâneas e difusas sobre a Idade Média. E consoante Silva, "é no âmbito da 'medievalidade', e não no da historicidade medieval, que o cinema alusivo ao Medievo deve ser pensado".¹⁶

Já Edlene Oliveira Silva discute como a Idade Média representada no filme *O Nome da Rosa*, do diretor Jean-Jacques Annaud, constrói e reforça estereótipos e preconceitos sobre o medievo. É válido ressaltar a presença de duas grandes advertências no trabalho da autora: a de que o cinema, como fonte histórica, estará sempre sujeito às suas condições de produção,¹⁷ e na segunda, de que:

A fronteira que separa o medievo da Idade Moderna é arbitrária e só se justifica por questões metodológicas, pois inúmeros conceitos, representações e instituições considerados modernos são originários

¹³ FRANCO JR, Hilário. *Op. cit.* p. 14.

¹⁴ SILVA, Ademir Luiz da. Cavaleiros, monges e sabres de luz: o imaginário medieval na saga Star wars. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 16, n. 28, jan-jun. 2014.

¹⁵ SILVA, Edlene Oliveira. Cinema e ensino de história: a Idade Média em "O Nome da Rosa" de Jean-Jacques Annaud. **O Olho da História**, n. 17, Salvador (BA), dezembro de 2011.

¹⁶ SILVA, Ademir Luiz da. *Op. cit.* p. 200.

¹⁷ SILVA, Edlene Oliveira. *Op. cit.* p. 38.

da tradição medieval. Um exemplo notório é o conceito de universidade surgido e implementado no século XIII.¹⁸

Outra advertência é assinada por Jérôme Baschet quando menciona que o imaginário coletivo sobre a Idade Média também é influenciado pelas formas como a mídia, tanto escrita quanto digital, apelam aos epítetos “medieval” ou “medievalesco” para se referir a um determinado momento de declínio de valores ou de crise política.¹⁹ O ideal, conforme o historiador francês, “é escapar da caricatura sinistra tanto quanto da idealização (...) a Idade Média não é nem o buraco negro da história ocidental, nem o paraíso perdido”.²⁰

De posse dessas considerações iniciais, doravante partiremos para a análise da obra *História e Reflexão*, de Gilberto Cotrim, na qual são destinados quatro capítulos para temas relacionados à Idade Média. O capítulo um busca mapear “A formação da Europa medieval”, no segundo capítulo é tratado “O Sistema Feudal”, o capítulo três visa fazer relações entre “A Igreja e a cultura medieval”, e no quarto capítulo a abordagem é recortada para “A Idade Média oriental: Bizantinos e Árabes”.²¹

No primeiro capítulo, dois fatores são caracterizados como “fundamentais para se entender a **decadência** e a **queda** de Roma: a crise do escravismo e as **invasões bárbaras**”.²² Embora seja uma afirmação curta, a historicização do seu conteúdo possui um grande potencial explicativo sobre como o imaginário coletivo da Idade Média foi constituído ao longo do tempo.

Cotrim praticamente inicia sua obra abordando a “decadência e queda de Roma” e “invasões bárbaras” - expressões que, segundo José D’Assunção Barros,²³ são de influência de uma concepção historiográfica tradicional francesa que faz uso da metáfora do Império Romano a um grande organismo vivo, e que interpreta sua morte sob o viés do assassinato.²⁴ Nessa concepção, o fim do Império Romano do Ocidente encontra explicação em fatores externos, por meio de invasões provocadas por populações germânicas, que o autor denomina de acontecimento-ruptura, tese de que

¹⁸ SILVA, Edlene Oliveira. *Op. cit.* p. 35.

¹⁹ BASCHET, Jérôme. *Op. cit.* p. 24.

²⁰ *Ibidem*.

²¹ COTRIM, Gilberto. *Op. cit.*

²² *Ibidem*, p. 10, grifo do autor.

²³ BARROS, José D’Assunção. Passagens de Antiguidade Romana ao Ocidente Medieval: leituras historiográficas de um período limítrofe. *Revista História/UNESP*. SP, 28,1, 2009.

²⁴ Essa interpretação é bem representada pela frase do historiador francês André Piganiol: “a civilização romana não morreu de morte natural; foi assassinada”. (*Ibidem*, p. 550).

alguns acontecimentos fundamentais teriam sido os responsáveis tanto pela morte do Império Romano, quanto pela ruptura definitiva entre a Antiguidade e a Idade Média.

De acordo com o citado medievalista, na escolha da relevância desses acontecimentos são privilegiados fatos políticos e determinados eventos bélicos promovidos por povos germânicos, notadamente os 3 saques de Roma: 410 d.C - pelos visigodos; 455 d.C - pelos vândalos; e o de 476 d.C - pelos hérulos. Nesse esteio, os saques visigodo e vândalo funcionariam como 2 facadas iniciais, até que o último dos hérulos teria servido como um golpe final de misericórdia no Império Romano.²⁵

Contudo, Barros informa que a historiografia moderna superou essa concepção tradicional ao arguir que, além dela minimizar as interpenetrações entre os mundos romano e medieval (como se o primeiro começasse apenas quando o segundo acabasse), trata-se de uma interpretação com forte ênfase na história política.²⁶ O mencionado autor assevera que novos modelos analíticos utilizados pela historiografia do século XX, ao apresentarem diferentes leituras e periodizações para o medievo, conseguiram transcender o uso de tais expressões. É o caso, por exemplo, da História Demográfica, que rechaça o uso da categoria “invasões bárbaras” para apodar os mais variados fenômenos migratórios promovidos por povos não latinos no Império Romano. Corroborando com essa posição, Aline Silveira,²⁷ citando Eduardo Fabbro,²⁸ esclarece que:

A construção e a escolha dos termos (...) ‘invasões bárbaras’ são politicamente datadas e serviram à legitimação dos Estados Nacionais alemão e francês, dividindo os estudos das instituições europeias entre: germanistas, que defendiam que essas instituições seriam de origem germânica; e os romanistas, que defendiam ser de origem romana.

Nesse contexto, ao buscar distinguir as noções de “invasões” e “migrações bárbaras”,²⁹ Cotrim parece entrar em consonância com a historiografia contemporânea, a partir da qual “a expressão ‘invasões bárbaras’ caiu em desuso,

²⁵ Conforme o autor, essa é a posição defendida pelo historiador estadunidense Arther Ferril - para quem o acontecimento de 476 d.C. - ao contribuir pra destruição do poderio militar romano -, foi decisivo pra “queda” do Império Romano. (Ibidem, p. 550).

²⁶ Ibidem, p. 554.

²⁷ SILVEIRA, Aline Dias da. Algumas experiências, perspectivas e desafios da Medievalística no Brasil frente às demandas atuais. **Revista Brasileira de História**, v. 36 n. 72, São Paulo May/Aug. 2016 Epub Sep 15, 2016, p. 49.

²⁸ FABBRO, Eduardo. Poder e História: a nova história política da Idade Média. In: **Tempo de Histórias**, n.8, 2004, p. 3.

²⁹ COTRIM, Gilberto. *Op. cit.* p. 13.

sendo substituída por 'migrações'³⁰, conceito que Barros - no âmbito da ênfase a novos objetos conferidos pelos novos campos historiográficos do século XX -, indica ser mais adequado aos diversos tipos de penetração promovidos pelos visigodos no território romano em um recorte temporal de pouco mais de 2 séculos:

A História Demográfica, (...) a Social e (...) a Cultural (...) do século XX, permitiram examinar estes processos migratórios e estes grandes deslocamentos a partir de novas perspectivas, para além da perspectiva que era antes proporcionada pela História Militar.³¹

No caso específico da História Cultural, Barros assinala que essa refuta o uso da expressão "bárbaros" a partir da análise da interação entre povos latinos e germânicos mais como um encontro e entrelaçamento de culturas do que de exércitos. E aqui mais uma vez Cotrim parece estar sensível a essa discussão quando, no capítulo dois, sinaliza a importância da herança romana bem como do legado germânico nesse "encontro de culturas".

O terceiro capítulo da obra abordada evidencia rupturas com alguns estereótipos que, construídos ao longo dos séculos XIV ao XVIII, nos espectros humanista, renascentista e, especialmente, iluminista, ainda hoje são tradicionalmente relacionados ao período medieval:

Por muito tempo a Idade Média foi considerada a **Idade das Trevas**. Acreditava-se que, durante esse período da história, todas as atividades culturais tivessem sido paralisadas. (...) Hoje sabemos que muitas áreas do saber e das artes alcançaram grande desenvolvimento no período medieval. Na verdade, a Idade Média teve uma produção cultural riquíssima, marcada pelas características próprias da época.³²

Esse conjunto de preconceitos bem mapeados por autores como Marcelo Cândido e Hilário Franco Junior, possui como um dos marcos mais antigos o termo *tenebrae* (tristeza profunda), cunhado no século XIV pelo poeta e humanista italiano Francesco Petrarca para se reportar a períodos anteriores.³³ Esse preconceito acaba se consolidando por meio do renascentismo, a ponto de, no século XVII, ser comum se referir à Idade Média como tempos de barbárie, ignorância e superstição.³⁴ Entretanto, é no iluminismo que esse antimedievalismo renascentista ganha contornos mais

³⁰ SILVA, Marcelo Cândido da. *Op. cit.* p. 9.

³¹ BARROS, José D'Assunção. *Op. cit.* p. 557.

³² COTRIM, Gilberto. *Op. cit.* p. 557, grifo do autor.

³³ FRANCO JR, Hilário. *Op. cit.* p. 9.

³⁴ *Ibidem*, p. 10.

sofisticados a partir de um viés religioso³⁵ e econômico³⁶ conferido por filósofos iluministas como Rousseau, Diderot,³⁷ Voltaire³⁸ e o Marquês de Condorcet,³⁹ os quais suscitavam que as características negativas da sociedade do século XVIII tinham sido gestadas na Idade Média:

O século XVIII, antiaristocrático e anticlerical, acentuou o menosprezo à Idade Média, vista como momento áureo da nobreza e do clero. A filosofia da época, chamada de iluminista por se guiar pela luz da Razão, censurava sobretudo a forte religiosidade medieval, o pouco apego da Idade Média a um estrito racionalismo e o peso político de que a Igreja então desfrutara.⁴⁰

Esses rótulos pejorativos são consequência da maneira com que o medievo é abordado, afinal, não devemos esquecer que "(...) o olhar que o historiador lança sobre o passado não pode deixar de ser um olhar influenciado pelo seu presente".⁴¹ Nesse sentido, Cotrim se alinha a historiadores como George Duby, Jacques Le Goff e Jérôme Baschet, que evidenciando anacronismos históricos nesses rótulos, propõem estudar o medievo em seus próprios termos, ou seja, a partir da ótica de quem viveu naquele período:

É por isso que o estudo da Idade Média é uma experiência de alteridade, que nos obriga a nos desprendermos de nós mesmos, a abandonar as nossas evidências, e a engajar um paciente trabalho de captar um mundo.⁴²

Ainda no capítulo três, o autor acertadamente suscita o papel de articulador da cristandade europeia exercido pela Igreja Católica, "diferente de outros autores, que veem a Igreja Católica como uma instituição onipresente, onisciente e onipotente".⁴³

No que tange ao quarto capítulo, destacamos o uso da expressão "decadência" feito por Cotrim para se referir ao fim do Império Romano do Oriente:

³⁵ Voltaire e Rousseau evocam a tirania da Igreja do período feudal para se contrapor à liberdade de consciência (BASCHET, Jérôme. *Op. cit.* p. 25).

³⁶ Adam Smith evoca a anarquia e estagnação feudal para se contrapor ao progresso prometido pelo liberalismo econômico (Ibidem).

³⁷ É de Denis Diderot (1713-1784) a frase: "sem religião seríamos um pouco mais felizes". (FRANCO JR, Hilário. *Op. cit.* p. 10).

³⁸ Para Voltaire, "os papas eram símbolos do fanatismo e do atraso daquela fase histórica". (Ibidem, p. 11).

³⁹ Segundo o Marquês de Condorcet, "a humanidade sempre marchou em direção ao progresso, com exceção do período no qual predominou o cristianismo, isto é, a Idade Média". (Ibidem, pp 10 e 11).

⁴⁰ Ibidem, p. 10.

⁴¹ Ibidem, pp. 13 e 14.

⁴² BASCHET, Jérôme. *Op. cit.* p. 45.

⁴³ LIMA, Marcelo Pereira. *Op. cit.* p. 182.

Após a morte de Justiniano, em 565, a maioria dos seus sucessores não conseguiu dar continuidade ao período de esplendor do Império Bizantino. (...) o mundo bizantino entrou, então, na longa e gradual ladeira da decadência.⁴⁴

Percebe-se que Cotrim mobiliza outra concepção historiográfica tradicional francesa que metaforiza o Império Romano a um grande organismo vivo, se diferenciando, todavia, da citada anteriormente, quando interpreta sua morte através de um definhamento gradual. No epicentro dessa concepção historiográfica, o acontecimento-ruptura é substituído pelo acontecimento-processo, tese primordial de que alguns processos teriam conduzido o Império Bizantino ao declínio⁴⁵ - a exemplo da grande crise do século III e as migrações e incorporações de populações germânicas.⁴⁶ Enquanto o primeiro teria originado um Estado interventor, corrupto e burocratizado, substituindo a autoridade do antigo senado, o segundo processo teria dado origem a um novo tipo de organização militar, no qual os povos germanos desempenhariam funções cada vez mais destacadas (por vezes até como mercenários). Nessa senda, Cotrim acaba incorporando o que Gustavo Sartin aponta como uma longa tradição historiográfica para o mundo ocidental, a qual é projetada sobre o Oriente, tradicionalmente visto como um espaço que teria conseguido se manter longe das crises ocidentais.⁴⁷

Não obstante, Barros esclarece que essa concepção historiográfica mobilizada por Cotrim também já foi superada pela historiografia moderna, por meio de novas perspectivas analíticas que criticaram e transcenderam os limites espaciais e historiográficos tradicionais relacionados ao medievo. Para o citado autor, essas novas perspectivas:

(...) aliado à ideia de (...) uma polifonia de temporalidades – tem permitido aos historiadores contemporâneos perceberem cada vez mais claramente que não podem existir periodizações fixas e inflexíveis, já que os diversos problemas a serem examinados é que definem cada qual a sua periodização.⁴⁸

⁴⁴ COTRIM, Gilberto. *Op. cit.* p. 46.

⁴⁵ Um dos defensores dessa hipótese do declínio é o historiador Ferdinand Lot, do qual pertence a frase: "o Império Romano morreu de morte natural". (BARROS, José D'Assunção. *Op. cit.* p. 552).

⁴⁶ *Ibidem*.

⁴⁷ SARTIN, Gustavo. O surgimento do conceito de "Antiguidade Tardia" e a encruzilhada da historiografia atual. **Brathair**, 9, 2, 2009, p. 27.

⁴⁸ BARROS, José D'Assunção. *Op. cit.* p. 564.

Em outras palavras, tanto o campo que pertence o historiador, quanto o aporte teórico e metodológico utilizados por ele na pesquisa, assim como suas marcas ideológicas e culturais (visão de mundo), afetarão a sua compreensão não apenas sobre a Idade Média, mas sobre qualquer período histórico analisado.

Estratégias didático-pedagógicas para a descolonização do ensino escolar da Idade Média

A existência de alguns descompassos entre o medievo apresentado pelo livro didático de Cotrim e a historiografia especializada reforça o exposto pelo Prof. José Rivair Macedo, no contexto da sua discussão entre a diferença entre os conceitos de Idade Média trabalhados pelos pesquisadores - que utilizam o "feudalismo" ou a "sociedade feudal" como conceitos operatórios de análise para fins metodológicos -, e os contidos nos livros didáticos, em que:

(...) esses conceitos acabam conferindo uma lógica ao desenvolvimento histórico de toda a Europa, como se houvesse um mesmo 'feudalismo' ou uma mesma 'sociedade feudal' nos quatro cantos do continente, ficando a sugestão de que o ingresso na Era Moderna dependeu da superação do 'atraso feudal' (...) A Idade Média ensinada na escola, todavia, não é a Idade Média dos pesquisadores. Nesse caso, a função social da História tem estatuto diferente do conhecimento erudito e acadêmico, continuando a estar ligado à constituição da memória da nação, do Estado moderno e da supremacia ocidental no mundo.⁴⁹

Algumas das razões dessa dissonância são bem caracterizadas por Aline Silveira ao aduzir que muitas das denominações relacionadas à Idade Média são "legitimadas pelo ponto de vista europeu ocidental e pela ideia de um único caminho pro desenvolvimento".⁵⁰ Fortalecendo essa afirmação, Macedo indica que o medievo corresponde para os europeus tanto ao período de demarcação "de suas origens (...) dos traços originais das suas nações contemporâneas", quanto ao "de formação de uma identidade supranacional de fundo cristão".⁵¹ Diante de tal assimetria, o referido medievalista propõe então a descolonização do ensino da Idade Média, cujo maior objetivo seria fomentar o pensamento crítico do aluno/leitor, mediante a apresentação de toda a complexidade e historicidade que permeia esse conceito.

⁴⁹ MACEDO, José Rivair. *Op. cit.* p. 112.

⁵⁰ SILVEIRA, Aline Dias da. *Op. cit.* p. 45.

⁵¹ MACEDO, José Rivair. *Op. cit.* p. 113.

Para tal descolonização, a principal estratégia destacada por Rivair Macedo passa por oferecer um ensino escolar da Idade Média pautado no seguinte tripé: 1º. reconhecer identidades normalmente deixadas em segundo plano (a exemplo dos povos eslavos, escandinavos e ibéricos); 2º. repensar e discutir estereótipos normalmente vinculados ao medievo (como trevas, fome, peste e guerra); 3º. e problematizar a estrutura conceitual da Idade Média inserida nos livros didáticos, a qual é apresentada sob quatro bases: a) europeia (restrita à França, Inglaterra, Alemanha e Itália, e excluindo outros países como os ibéricos e os localizados na Europa setentrional); b) nacionalista (ligada à busca pela comprovação dos traços originais das nações contemporâneas, a exemplo da diversidade étnico-cultural, da delimitação de fronteiras, dos vestígios de suas instituições representativas, como cortes, assembleias e parlamentos, dentre outros); c) predominantemente cristã (excluindo a religião muçulmana, em que pese esta tenha dominado parte da Península Ibérica durante os séculos VIII e XI); d) com grupos compactos e claramente definidos (onde os senhores feudais são percebidos como opressores e arrogantes e os camponeses como oprimidos, passivos e inertes).

Outra estratégia asseverada pelo Prof. Macedo capaz de auxiliar na citada descolonização se relaciona ao uso da iconografia no ensino escolar do medievo, na medida em que a utilização de imagens, pinturas, esculturas ou arquitetura permitiria ao professor escapar de um ensino restrito aos fatos políticos. Com efeito, o artefato iconográfico deixaria de ser um “suporte de informação escrita, passando a ser um testemunho direto do mundo medieval”.⁵² Isso porque, na Idade Média:

As imagens (...) revestiam-se de caráter educativo, pedagógico. A linguagem adotada procurava colocar em evidência símbolos e signos dotados de mensagens explícitas ou implícitas, traduzindo o sistema ideológico do qual a Igreja se fazia a guardiã.⁵³

O uso da iconografia no ensino da Idade Média é apregoado por Edlene Oliveira Silva como equivalente aos documentos escritos para um adequado e eficaz ensino da Idade Média, pois, consoante a autora, nesse período a “linguagem visual (...) revestia-se de caráter didático, objetivando educar as massas, ao mesmo tempo em

⁵² MACEDO, José Rivair. *Op. cit.* p. p. 121.

⁵³ *Ibidem*, p. 120.

que legitimava a ideologia da Igreja e da monarquia".⁵⁴ Nessa senda, Edlene Silva evoca o pensamento de Honório de Autun, que no século XII disse ter a pintura três grandes objetivos: o de embelezar as igrejas, de rememorar a vida dos santos e o de deleitar os incultos.⁵⁵

Contudo, a forte tradição textual largamente encontrada na formação do historiador acaba inibindo o uso de imagens, pinturas e esculturas no ensino em sala de aula. Ao evidenciar a função do docente em História no campo da arte, Ivan Gaskell informa que "embora os historiadores utilizem diversos tipos de material como fonte, seu treinamento em geral os leva a ficarem mais à vontade com documentos escritos".⁵⁶ Consoante Edlene Oliveira, esse é um desafio a ser superado pelo campo:

(...) este parece ser um recurso que ainda precisa ser mais explorado no ensino de História e, conseqüentemente na formação do professor dessa disciplina, pois os docentes ora aparecem priorizando o documento escrito, ora trabalhando as imagens em sala de aula de maneira inadequada.⁵⁷

Gabriel Torelly e Nilton Mullet Pereira⁵⁸ acrescentam outra estratégia para escapar desse ensino escolar que privilegia fatos políticos, a exemplo dos já apontados em Cotrim na seção anterior. Trata-se da educação inatual como uma ferramenta pedagógica capaz de contribuir para a prática de um ensino de história insubmisso à lógica jurídico-institucional. Para os autores:

O olhar sobre um texto, bem como o olhar para o passado, é sempre um **ato de rebeldia** em relação às formas. Não é possível assegurar um sentido ou afixar uma única possibilidade de leitura no encontro entre o sujeito e o objeto, o leitor e o texto, o aluno e o passado.⁵⁹

O ato de rebeldia acima mencionado se mostraria adequado para romper uma memória mecanizada, a qual, segundo Torelly e Pereira, se contrapõe ao uso ontológico da memória. Esta é sustentada pelos autores como um recurso didático necessário para se desviar de um ensino dogmático no qual o fenômeno histórico

⁵⁴ SILVA, Edlene Oliveira. Relações entre imagens e textos no ensino de História. *Saeculum* (UFPB), v.22, 2010, p. 176.

⁵⁵ *Ibidem*.

⁵⁶ GASKELL, Ivan. História das imagens. In: BURKE, Peter. *A Escrita da História*. Novas Perspectivas, São Paulo, 1992, p. 237.

⁵⁷ SILVA, Edlene Oliveira. *Op. cit.* p. 177.

⁵⁸ PEREIRA, Nilton M.; TORELLY, Gabriel. Ensino de História, Memória e fabulação. *Aedus*, v.4, n.4, 2014. Disponível na Internet via < <http://seer.ufrgs.br/index.php/aedus/article/view/41899>>. Acesso em junho de 2022.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 20, grifo nosso.

costuma ser apresentado como um quadro representativo fixo.⁶⁰ E conforme já aqui problematizado, esse tipo de representação, aliado à ênfase em fatos políticos, são comumente acionados na obra cuja análise foi objeto desta pesquisa.

Considerações finais

Este artigo buscou analisar os potenciais do livro didático no ensino escolar da Idade Média a partir das formas como esse período é representado no livro didático *História e Reflexão*, de Gilberto Cotrim. Não custa nada registrar que as estratégias expostas neste trabalho jamais tiveram a pretensão de esgotar as possibilidades de ensino-aprendizagem acerca do medievo, mas apenas uma tímida tentativa de contribuir para superar as dicotomias aqui apontadas.

Nesse esteio, após a invocação do repertório teórico e empírico extraído da bibliografia mobilizada na disciplina *História Medieval I*, da Universidade Federal da Bahia, ministrada pelo Professor Dr. Marcelo Pereira Lima e cursada por este autor no semestre 2022.1, ratificamos a hipótese formulada no início desta pesquisa - de que embora em alguns momentos o livro didático abordado apresente uma Idade Média dissonante daquela apresentada pela historiografia especializada, ele ainda assim seria capaz de viabilizar boas estratégias didático-pedagógicas para o ensino escolar do medievo.

De acordo com Aline Silveira, trata-se de um verdadeiro desafio, visto que exige do docente a desconstrução de interpretações hegemônicas de sociedades, o que passa tanto pela ênfase na assimetria entre seus diversos elementos e referenciais multifacetados, quanto pela ausência de hierarquização nas suas análises.⁶¹

O grau de complexidade desse desafio é bem representado na citação abaixo, que escrita por um medievalista francês em um contexto de ensino-aprendizagem mexicano, será aqui tomada como epílogo:

É por isso que o estudo da Idade Média é uma experiência de alteridade, que nos obriga a desprender de nós mesmos, a abandonar as nossas evidências, e a engajar um paciente trabalho de captar um mundo do qual mesmo os aspectos mais familiares dizem respeito a uma lógica que se tornou estranha para nós.⁶²

⁶⁰ I PEREIRA, Nilton M.; TORELLY, Gabriel. Ensino de História *Op. cit.*, p. 22.

⁶¹ SILVEIRA, Aline Dias da. *Op. cit.* p. 52.

⁶² BASCHET, Jérôme. *Op. cit.* p. 45.

Referências

- BARROS, José D'Assunção. Passagens de Antiguidade Romana ao Ocidente Medieval: leituras historiográficas de um período limítrofe. **Revista História/UNESP**. SP, 28,1, 2009.
- BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal: do ano 1000 à colonização da América**. São Paulo: Globo, 2006.
- COTRIM, Gilberto. **História e Reflexão**, 6ª série. São Paulo: Saraiva, 1996.
- FABBRO, Eduardo. Poder e História: a nova história política da Idade Média. In: **Tempo de Histórias**, n.8, 2004.
- FRANCO JR, Hilário. **A Idade Média. O Nascimento do Ocidente**. SP: Brasiliense, 2001.
- GASKELL, Ivan. História das imagens. In: BURKE, Peter. **A Escrita da História**. Novas Perspectivas, São Paulo, 1992.
- LIMA, Marcelo Pereira. Representações da península Ibérica Medieval nos livros didáticos: os (des)compassos entre a escola e a academia? **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, 2012.
- MACEDO, José Rivair. Repensando o ensino de Idade Média no Ensino de História. In: KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2004.
- PEREIRA, Nilton M.; TORELLY, Gabriel. Ensino de História, Memória e fabulação. **Aedos**, v.4, n.4, 2014. Disponível na Internet via <<http://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/41899>>. Acesso em junho de 2022.
- SARTIN, Gustavo. O surgimento do conceito de "Antiguidade Tardia" e a encruzilhada da historiografia atual. **Brathair**, 9, 2, 2009.
- SAUERBRONN, F. F.; FARIA, A. A utilização do método histórico em pesquisa acadêmica de marketing. **Estratégia e Negócios**, v.2, n.2, 2009.
- SILVA, Ademir Luiz da. Cavaleiros, monges e sabres de luz: o imaginário medieval na saga Star wars. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 16, n. 28, jan-jun. 2014.
- SILVA, Edlene Oliveira. Cinema e ensino de história: a Idade Média em "O Nome da Rosa" de Jean-Jacques Annaud. **O Olho da História**, n. 17, Salvador (BA), dezembro de 2011.
- SILVA, Edlene Oliveira. Relações entre imagens e textos no ensino de História. **Saeculum** (UFPB), v..22, 2010.
- SILVA, Marcelo Cândido da. **História Medieval**. São Paulo: Contexto, 2019.
- SILVEIRA, Aline Dias da. Algumas experiências, perspectivas e desafios da Medievalística no Brasil frente às demandas atuais. **Revista Brasileira de História**, v .36 n. 72, São Paulo May/Aug. 2016 Epub Sep 15, 2016.

Recebido em: 10/08/2022

Aprovado em: 24/12/2022